

Perspectivismo e Devir em Nietzsche*

Perspectivism and become in Nietzsche

Marcelo Fonseca de Oliveira**

Resumo

O presente estudo considera brevemente o perspectivismo nas obras *Além do Bem e do Mal* (1886) e *Gaia Ciência* (1882, 1887), de Friedrich Nietzsche. Para tanto, explica e comenta alguns aforismos relevantes e problematiza o tema, com ênfase em seu estatuto paradoxal. Pretende também introduzir outro passo, não evidente, ou seja, mostrar que o perspectivismo é uma tese epistemológica relacionável à tese ontológica do devir. Esta relação, contudo, não está separada ao longo do texto.

Palavras-chave: Nietzsche; perspectivismo; devir

Abstract

* Artigo recebido em 09/05/2016 e aprovado para publicação em 23/05/2016.

** Mestrando em filosofia moderna na UFMG. Bolsista CAPES entre 2014 e 2016. E-mail: marcelofonsecardoliveira@gmail.com.

This paper briefly explains the so called perspectivism in the Nietzsche's works, *Beyond Good and Evil* (1886) and *The Gay Science* (1882, 1887). To achieve that, it explain and comment some selected aphorisms. The argument claims on the very paradoxical propriety of the perspectivism. This paper focus also on another argumentative step that is not so clear in Nietzsche's aphorisms, which is, that the perspectivism is a thesis related to the ontological thesis of become. This relation, as was said, is not explicit in the considered aphorisms, and further is the second goal of this paper.

Key-words: Nietzsche; perspectivism; become.

"(...) Car il n'est pas dict que l'essence des choses se raporte à l'homme seul. (...)" ; "[A] Or, nostre estat accomodant les choses à soy et les transformant selon soy, nous ne sçavons plus quelles sont les choses en verité: car rien ne vient à nous que falsifié et alteré par nos sens. (...) L'incertitude de nos sens rend incertain tout ce qu'ils produisent (...)"

Michel de Montaigne

1. Explicação comentada. Aforismas: GC 372, 374 e ABM 14, 22¹

Comecemos a partir de GC 374. Este é um aforisma intitulado "Nosso novo 'infinito'", no qual Nietzsche usa, dentre três surpreendentemente poucas vezes, o conceito 'perspectivista'². No caso, o perspectivismo é relacionado à existência³. A princípio, esta relação indica a exclusão de qualquer aparato transcendental e idealista da tese, dado que Nietzsche entende, basicamente, a existência como vida orgânica. Mas ainda tocamos o problema do que Nietzsche entende por 'existência', o que nos levaria a outro caminho. O trecho parece apontar para a impossibilidade mesma da verdade absoluta do perspectivismo, justamente por seu caráter fragmentário, parcial e relativo. No entanto, é

¹ Doravante estas serão as siglas das obras *Gaia Ciência* e *Além do Bem e do Mal*.

² Lalande (1999) assim define o conceito: "Nome dado por Nietzsche ao fato de todo conhecimento ser perspectiva, quer dizer, relativo às necessidades, e especialmente às necessidades vitais do ser que conhece e de que, em particular, a natureza da consciência animal exige uma representação do mundo geral e conceptual que se opõe à realidade profunda e essencialmente individual dos seres (...)" (p.810).

³ "Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem 'sentido', não vem a ser justamente 'absurda', se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente *interpretativa* – isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e autoexame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e apenas nelas. (...)" (GC, 374, 2012, p.250-51).

a posição perspectivista a que confere sentido à interpretação da existência. Nietzsche estaria adotando aqui um perspectivismo em que ele expõe um raciocínio que coloca em xeque a possibilidade de ir além da própria perspectiva, mas não abandona a tese. No entanto, o aforisma apresenta um percurso pendular. No interior da impossibilidade de ir além da singular perspectiva, há também a impossibilidade de rejeitar padrões epistêmicos, ou seja, de negar que haja uma interpretação fundamental oriunda tanto das sensações quanto do intelecto⁴.

Continuemos no aforisma. Nietzsche argumenta que mesmo a posição que diz que só é possível ter uma perspectiva, ou seja, a própria perspectiva singular, é uma posição culturalmente distante em seus dias. E então, o aforisma adentra em uma espiral. O “novo ‘infinito’” (notar que o conceito *infinito* está entre aspas no título), é justamente a posição de não ser possível rejeitar o fato de que haja infinitas perspectivas (interpretações). Ou seja, parece haver dois caminhos: ou se se enclausura na rejeição de outras perspectivas, dado que, se só há perspectivas e não uma verdade única, é razoável e verossímil a posição que rejeite as demais perspectivas, concluindo de modo solipsista (e arriscaríamos dizer, no caso do perspectivismo ético, egoísta) que só há a ‘minha’ perspectiva singular. Porém Nietzsche rejeita este solipsismo, afirmando que o mundo é justamente a coleção de perspectivas (este é o infinito, ou seja, a somatória destas partes que seriam as infindáveis perspectivas singulares), mesmo sendo esta uma posição entre as demais. Logo se intui o paradoxo (autorreferente): se o mundo é uma coleção de perspectivas e todas são simultaneamente válidas em relação ao conhecimento e à verdade, como estipular, a partir da própria perspectiva (no caso, da de Nietzsche), como aquilo que é válido para todas as demais, que há infinitas perspectivas? No caso, teríamos de avaliar as pretensões e o escopo da tese, incluindo não somente a lógica, mas o alcance ontológico da mesma. O fato é que a tese do perspectivismo é uma tese irracionalista.

O aforismo levanta, ligeiramente, a suspeita da divinização desta posição, o que Nietzsche não quer de modo algum. Seria esta sua rejeição ligada à forte crítica aos universalismos de todo tipo, ou efeito da conclusão de que, caso esta posição seja divinizada, ela incorreria em auto referência e paradoxo? O que ele entende por ‘divinização’?

O seu temor aparentemente se dissipa, pela conclusão de que esta é uma perspectiva meramente humana. Ou seja, o fundamento do perspectivismo é humano, e sua justificativa, nos parece, se faz, dentre outras, através de ferramentas possibilitadas pelas ciências humanas e

⁴ “(...) Não podemos enxergar além de nossa esquina: é uma curiosidade desesperada querer saber que outros tipos de intelecto e de perspectiva *poderia* haver: por exemplo, se quaisquer outros seres podem sentir o tempo retroativamente ou, alterando, progressiva e regressivamente (com o que se teria uma outra orientação da vida e uma outra noção de causa e efeito). (...)” (idem, p.251). Este é o passo para o perspectivismo transcendental.

naturais (sociológicas, biológicas, fisiológicas, psicológicas e morais). Há neste aforismo, o que, no caso da interpretação transcendental, considera controverso; a exclusão de qualquer recurso universal (e então a suspeita de que o perspectivismo seja, *prima facie*, uma reação ao kantismo).

A partir da breve explicação acima, nos limitaremos a fazer uso de trechos dos aforismas de ABM, com o fim de fornecer alguma coerência ao problema.

Para compreender a tese epistêmica de Nietzsche, façamos uso do aforismo 14 de ABM. Nele, o escopo do perspectivismo atinge as ciências da natureza, no caso, a Física. A questão neste aforisma é a diferenciação problemática entre explicação e interpretação. Toda explicação científica seria interpretação, considerando o estatuto humano e relativístico das explicações naturais⁵, não havendo explicação definitiva, única e universal. Mesmo o critério dos sentidos, que obtém reconhecimento e validade geral, está inserido em uma perspectiva de escopo cultural, apesar da comprovação pelos sentidos enrobustecer e conferir definição e validade às explicações. O aforismo expõe um movimento que insere o exame dos critérios de validade no devir. Ou seja, Nietzsche nos apresenta uma contraposição entre o critério epistêmico sensualista e o 'modo platônico', terminando seu aforismo com um apontamento sobre os futuros intelectuais e refletindo sarcasticamente sobre o critério epistêmico por eles adotado⁶. Este movimento argumentativo de Nietzsche talvez corrobore a tese da presença do devir. O que ele parece nos dizer é que o perspectivismo é comprovado pela mudança dos paradigmas filosóficos e científicos ao longo da história. Ou seja, o perspectivismo é a tese sobre o conhecimento que ganha reconhecimento pela premissa historicista que apela, por sua vez, à tese ontológica do devir⁷. Compreende-se esta tese historicista da seguinte forma: momentos históricos onde se supôs que a verdade de alguma explicação científica fosse universal erraram, pois os critérios de atestação e de fundamentação do conhecimento foram feitos de modo diverso em diversas teorias e em distintos períodos.

Seria o perspectivismo a posição epistêmica corroborável pelo devir, por uma ontologia do fluxo constante? Ao justificarmos o perspectivismo

⁵ "Começa a despontar em cinco, seis cérebros, talvez, a ideia de que também a física é apenas uma interpretação e disposição do mundo (nisso nos acompanhando, permitam lembrar!), e não uma explicação do mundo: porém, na medida em que se apoia na crença nos sentidos, ela passa, e deverá passar durante muito tempo, por algo mais, isto é, por explicação. (...)” (ABM, 14, p.19).

⁶ Neste sentido, a presença do devir na obra de Nietzsche não é instanciada exclusivamente por uma consciência histórica, ou mesmo historicista, do passado. As intermitentes, mas contínuas, especulações sobre as condições futuras da humanidade, desde o aclamado *übermensch* até os *sistemas orgânicos mais elevados* (GC, 113), recolocam o problema do devir em Nietzsche como um problema do porvir. Esta constatação faria somarem-se, a respeito do problema do devir no interior do *corpus* nietzschiano, formulações sobre a história (cultural, intelectual, científica) e considerações sobre as ciências naturais, em especial a biologia orgânica.

⁷ Já no 'Prelúdio em rimas alemãs' da GC (1887), a estrofe 41 é intitulada 'Heraclitismo' (*Heraklitismus*). Mesmo que verse sobre a amizade, é um indício da simpatia que nutria Nietzsche por aspectos da filosofia do filósofo de Éfeso.

pelo devir, estaríamos em posse da maior proximidade teórica possível do real, do que as coisas de fato são, da superação entre fenômeno e coisa-em-si (*noumenon*) kantiana, o que implicaria em uma motivação ontológica do pensamento nietzschiano? Ou, dado que o perspectivismo tem como consequência o reconhecimento da multiplicidade de teorias sobre o real e a diversidade do entendimento sobre a verdade, não conduz assim necessariamente à tese do ficcionalismo?

Voltemos à *Gaia Ciência*. O aforisma 372, intitulado “Por que não somos idealistas”, talvez nos forneça embasamento para a tese que relaciona o perspectivismo ao devir. Seu objetivo é discorrer sobre a oposição entre os sentidos e as ideias enquanto paradigmas e critérios epistêmicos encontráveis na história da filosofia⁸. A contraposição entre vida e negação da vida ocorre através da analogia com a oposição entre a adoção dos sentidos e a negação dos sentidos enquanto critério epistêmico. Nietzsche talvez esteja nos dizendo, ceticamente, que esta oscilação participa da história da filosofia. Na camada textual, o aforisma evidencia expressões temporais, advérbios de tempo e termos compostos que evidenciam a intenção de expressar o movimento: “*houve tempo*”, “*hoje*”, “*homens do presente e do futuro*”, “*naquele tempo*” etc.

O escopo do argumento é cultural. Nietzsche está, ao seu modo, atestando um sintoma, e emitindo juízos de valor sobre seu momento histórico. Esse fenômeno é coerente com a tese de que o perspectivismo é a filosofia do conhecimento e a epistemologia de Nietzsche. Ou seja, ele sempre parte da consciência imersa em uma determinada perspectiva cultural (superando, portanto, o solipsismo subjetivista que ameaça o perspectivismo). Isto é coerente com a tese de que só há perspectivas e pontos teóricos sobre a verdade. Nietzsche não seria um subjetivista, uma vez que, mesmo reconhecendo a possibilidade das inúmeras perspectivas individuais e singulares, o que é relevante e alcança ganho na filosofia são perspectivas compartilhadas e aceitas por grupos (os filósofos) e comprovadamente legitimadas através das histórias da recepção destas filosofias. O seu perspectivismo, assim, configura-se a partir da soma de perspectivas que, por sua vez, constituem grupos.

Retornando a ABM, o aforisma 22 apresenta a complexa diferenciação entre ciência e interpretação (no sentido humanista que Nietzsche, pela confissão mesma do seu ofício de filólogo, inicialmente confere). As leis naturais são desconsideradas enquanto correspondentes diretos dos fatos, o que parece conferir intenção ontológica ao escopo do aforisma. O argumento aproxima-se do ficcionalismo⁹, pois Nietzsche taxa

⁸ “– Houve tempo em que os filósofos temeram os sentidos: teríamos nós talvez – desaprendido demais esse temor? Hoje somos todos sensualistas, nós, homens do presente e do futuro na filosofia, *não* conforme a teoria, mas na prática, praticamente... Eles, por outro lado, achavam que os sentidos os atraíam para fora do seu mundo, do frio reino das ‘ideias’, rumo a uma perigosa ilha do Sul (...)” (GC (2012) 372, p.248).

⁹ No verbete ‘Ficção’, Abbagnano (2003) assim define: “Uma filosofia da F., ou *ficcionalismo* (*Fiktionalismus*), é a ‘Filosofia do como se’ (1911) de Vaihinger, que se propõe demonstrar que todos os conceitos, as categorias, os princípios e as hipóteses de que lançam mão o saber comum, as ciências e a filosofia são F. destituídas de

as leis físicas, oriundas das teorias, de '*artes de interpretação ruins*'¹⁰. Certamente há uma ressignificação do termo 'filologia', e esta passa a ser a arte, a técnica, de compreensão de qualquer fenômeno natural e humano, confundindo-se o que tradicionalmente se entende como uma 'teoria científica'. Poderíamos também sugerir que as ciências, no caso a física, são compreendidas como uma manifestação da cultura. Contudo, quem são os 'físicos' aos quais o aforisma se dirige, e o que é entendido enquanto ciência exercida por eles, não investigaremos aqui.

O que segue é uma associação das leis da natureza, não mencionadas quais, a um regime político (no caso, a democracia). Não adentraremos propriamente nesta relação, tipicamente ao modo de Nietzsche, que é válida aqui enquanto ilustra o movimento interpretativo mesmo sobre os fenômenos, uma vez que o passo argumentativo seguinte propõe uma contratese àquela criticada no início¹¹. Brevemente, não nos interessa também aqui que esta última tese interpretativa levantada seja propriamente a tese de Nietzsche, a saber, que as manifestações naturais sejam manifestações da vontade de poder. Este pêndulo argumentativo nos revela o perspectivismo em ação, no caso, não o perspectivismo individual, mas o perspectivismo de grupos de indivíduos, daqueles indivíduos mais eminentes e dotados de virtudes epistêmicas capazes de determinar as visões de mundo.

2. Problematização a partir dos intérpretes.

Faremos uma breve exposição das principais teses de alguns intérpretes que trataram o problema do perspectivismo na obra de Nietzsche.

A tese do perspectivismo seria a posição epistemológica de Nietzsche¹². De acordo com Reginster (2001), seriam duas as decorrências do perspectivismo: o ceticismo e o antiessencialismo (relacionado ao relativismo, na interpretação de Poellner discutida por Reginster). Em quaisquer das duas conclusões que se chegue, o paradoxo autorreferente é inevitável. Segundo Reginster, aceitar a premissa perspectivista e propor, ou defender, posições sobre ética e metafísica, é paradoxal¹³. Ele então propõe duas soluções que resolveriam este

qualquer validade teórica, frequentemente contraditórias, que são aceitas e conservadas enquanto úteis. Vaihinger não acha que essa situação seja patológica, mas normal, e que a única alternativa viável é utilizar as F. conscienciosamente. (...)" (p.440).

¹⁰ "(...) mas essas 'leis da natureza', de que vocês, físicos, falam tão orgulhosamente, como se – existem apenas graças à sua interpretação e péssima 'filologia' – não são uma realidade de fato, um 'texto', mas apenas uma arrumação e distorção de sentido ingenuamente humanitária (...)" (ABM, 2009, p.26).

¹¹ "(...) Mas, como disse, isso é interpretação, não texto, e bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos, precisamente a imposição tiranicamente impiedosa e inexorável de reivindicações de poder (...)" (ABM, 2009, p. 27).

¹² Mota (2010: p.213).

¹³ Reginster (2001: p.217).

impasse¹⁴. A primeira delas seria dividir os argumentos de Nietzsche em duas camadas, a requisitada solução em dois níveis. Ou seja, as proposições paradoxais sobre o conhecimento e a verdade não imbricariam necessariamente as teses sobre a ética e sobre a metafísica, por exemplo. O perspectivismo seria uma posição entre as demais. A segunda solução seria a de assumir o perspectivismo justamente como a posição filosófica central de Nietzsche. Esta solução, chamada de 'solução perspectivista', seria a mais coerente, pois ofereceria justificativa a si própria, ou seja, ao adotá-la, Nietzsche estaria apto a se posicionar e propor outras teses sobre ética e metafísica, por exemplo.

Reginster então prossegue, discutindo as principais soluções propostas por Poellner, em especial, a solução perspectivista ao problema do perspectivismo. É resgatada a solução em dois níveis de John Richardson. Este intérprete relaciona a posição epistemológica de Nietzsche à sua posição metafísica, em especial, à concepção da vontade de poder. O que seria legítimo e relativamente novo na interpretação de John Richardson, de acordo com Reginster, diria respeito à interpretação da vontade de poder e do perspectivismo. Deve-se ter sempre em mente aqui que o objetivo é ultrapassar, ou, solucionar, o problema dos paradoxos autorreferentes que a adoção de uma teoria epistemológica perspectivista acarreta¹⁵.

O artigo de Reginster segue em uma exposição do que Richardson entende por vontade de poder. Identificamos, a partir de então, uma primeira pista sobre as relações entre tese perspectivista e tese mobilista. A metafísica da vontade de poder explicaria a tese ontológica de Nietzsche de que não há 'ser', apenas 'devir'. Richardson apresentaria em seu livro três características do 'devir', que se encaixariam em características da vontade de poder que, por sua vez, seria a explicação para o perspectivismo. Estas três características são: 1) O 'devir' é um processo, assim como a vontade de poder. 2) Toda realidade é intencional. 3) O princípio de identidade seria contextual, ou seja, dizer o que uma coisa 'é' seria situá-la em um dado contexto temporal de passado ou futuro. A partir destes três traços, haveria a possibilidade de explicar o perspectivismo usando elementos de uma ontologia do 'devir'. O que embasa a solução de Richardson, segundo Reginster, seria que a metafísica da vontade de poder, com sua afirmação de existência de 'centros de força', acarretaria em uma epistemologia perspectivista¹⁶. Porém, o paradoxo do perspectivismo epistemológico só surge quando se parte de

¹⁴ É interessante notar que, em uma perspectiva analítica, há um esforço para solucionar, explicando ou justificando, os eventuais ou recorrentes paradoxos e contradições que constituem as teorias filosóficas. A questão seria: porque não aceitá-los como constituintes fundamentais, ou, como conclusões inevitáveis e/ou necessárias destas teorias, e conviver irresolutamente com eles?!

¹⁵ "(...) *When seen in the context of this metaphysics, perspectivism turns out to be a view that does not generate the sort of troubling self-referential paradox the recent scholarship has been struggling to resolve.* (...)" (Reginster 2001: p.223).

¹⁶ Reginster (2001: p.226).

certa interpretação: aquela que limita a validade do conhecimento às singulares perspectivas do sujeito que conhece. Este paradoxo acarreta consequências também na ética, que admite a solução em dois níveis.

Atribuir uma posição epistemológica a Nietzsche não é tarefa simples. Uma consequência negativa a partir de premissas perspectivistas é altamente plausível de ser extraída. Caso se aceite-a, rejeitaríamos todo e qualquer compromisso com uma teoria do conhecimento (*Erkenntnistheorie*) em Nietzsche. Este é o objeto de debate de Thiago Mota (2010).

Este intérprete propõe uma tipologia dos diversos perspectivismos, sem abrir mão de mostrar a relação que intuimos acima, ou seja, entre tese ontológica do devir e tese epistemológica perspectivista. O perspectivismo metafísico seria justamente a posição interpretativa que expande o escopo da tese de Nietzsche¹⁷. Mota resgata as passagens sobre vontade de potência, tese esta que estaria presente no 'último' Nietzsche. Esta tese, como acima mencionado, possui vínculo com o devir. Pluralidade, diferença e imanência seriam traços que comporiam a relação¹⁸. Deparar-se com o paradoxo é decorrência necessária do enfrentamento do problema: em que medida o perspectivismo metafísico não é uma posição totalizante, mesmo que imanente, visando a universalidade, à maneira dos modelos metafísicos por ele rechaçado?! Heidegger, prossegue Thiago Mota, de forma desconstrutiva, recolocou Nietzsche no interior da tradição metafísica que ele mesmo (Nietzsche) declarou querer rechaçar. O perspectivismo seria, para o filósofo autor de *Ser e Tempo*, uma posição subjetivista, o que Thiago Mota, a partir da crítica nietzschiana que interpreta na linguagem a substancialização do sujeito, discorda¹⁹.

O artigo de Hales & Welshon (1994) busca relacionar o problema da verdade ao paradoxo e ao perspectivismo. Uma estratégia apresentada por este intérprete é a de justificar os diversos usos, que implicam em diversos sentidos, do termo 'verdade', pelo fato dele se referir aos distintos sentidos do termo ao longo da tradição filosófica²⁰. A variabilidade ilógica extraída do entendimento dos usos que fez Nietzsche do termo 'verdade' seria, então, proposital e não equívoca. Assim, o perspectivismo, para estes intérpretes, seria uma teoria sobre o comportamento do valor de verdade das proposições e do predicado 'verdade' que, porém, não evita ou soluciona problemas interpretativos sobre o mesmo. Eles fazem uma distinção entre perspectivismo sobre a

¹⁷ Mota (2010: p.217).

¹⁸ "(...) Tratar-se-ia de uma ontologia da pluralidade, ao invés da unidade, da diferença, ao invés da identidade, da imanência, ao invés da transcendência. A questão que surge aí é como se dá, em Nietzsche, o acesso a essa realidade perspectivisticamente estruturada e em que sentido o perspectivismo ontológico não repõe aquilo mesmo que ele pretende negar. Essa é uma das questões cruciais a serem enfrentadas numa reconstrução do perspectivismo: o problema da referência ao devir." Mota (2010: p.218, grifo nosso).

¹⁹ Mota (2010: p. 220).

²⁰ Hales & Welshon (1994: p. 101).

verdade, perspectivismo epistemológico e teoria da ficção, reafirmando que o foco do artigo será sobre o perspectivismo enquanto tese que explica a natureza da verdade, sem, porém, rejeitar que haja relação entre os outros tipos de perspectivismo²¹. Declarando o rigorismo interpretativo, os autores discutem qual o método adequado a ser utilizado nas leituras acadêmicas de Nietzsche. Um tanto quanto contraditório é o choque decorrente de uma primeira declaração que prenuncia o recorte temático arbitrário, isolando o problema do perspectivismo da verdade e afirmando que os outros não podem esclarecer este e, posteriormente, uma declaração que reitera a importância do método interpretativo que reconstrua as relações entre os tipos de perspectivismos (ontológico, epistemológico, ético)²².

Uma explicação coerente para a adoção do perspectivismo sobre a verdade é a que mostra a batalha contra as entidades metafísicas padrões, 'engessadas' e defendidas com absolutismo dogmático por seus representantes²³. Esta explicação parece se desdobrar (ou ter como antecedente e premissa), o compromisso com a tese ontológica do devir. Ora, se Nietzsche se propôs a argumentar contra a fixidez estática das categorias metafísicas canonizadas ao longo da tradição filosófica (em provável diálogo com Kant) e, enquanto cético, via no modo de expressão da existência destas mesmas categorias o dogmatismo; pode-se depreender que ele estava comprometido com a posição contrária, ou seja, a de que estas categorias não desfrutam de estabilidade semântica e ontológica, o que, parece, é uma das razões *prima facie* da adoção da forma do 'aforismo' como mais pertinente retoricamente para expressar um pensamento não fixo e não dogmático.

Os autores, então, apresentam o argumento que ataca o perspectivismo epistemológico, mostrando que esta posição seria inconsistente e/ou paradoxal, pois autorreferente. O problema foi colocado assim por Danto: *"se o perspectivismo é uma perspectiva, então existem perspectivas em que proposições são falsas apenas em uma perspectiva; se o perspectivismo não é uma perspectiva, então é falso que toda proposição é verdadeira em algumas perspectivas e falsas em outras"*²⁴.

²¹ Hales & Welshon (1994: p.102-103).

²² O aforisma 15 de *Além de Bem e Mal*, onde é feita a *reductio ad absurdum* da posição idealista, mostra compromisso lógico com a argumentação, e então corrobora a leitura lógica de Nietzsche. Os autores apresentam mais duas justificativas para a leitura rigorista (lógica) da obra.

²³ "(...) Strategically, perspectivism helped Nietzsche to cast off the rigid categories and ossified thinking of the philosophical tradition he inherited. (...)" (op.cit, p.104).

²⁴ Op cit, p.108. Welshon (2009) assim formula o problema do paradoxo do perspectivismo (ele, de fato, nega que seja propriamente um paradoxo, reclassificando o problema enquanto um dilema): "(...) if perspectivism is always true, then there is at least one statement – perspectivism – that is absolutely true. If so, then absolutism is true and perspectivism is false. On the other hand, if perspectivism is perspectively true, then sometimes it is false, and where it is false, absolutism is true. Again, absolutism is true e perspectivism is false. Either way, it appears that perspectivism is never true." (p.37). Mas ainda nos parece um paradoxo, especialmente após a formalização do problema, feita por Welshon, nos termos do silogismo. Este paradoxo, contudo, pode não partir diretamente de Nietzsche, mas ter sua razão na pretensão de estipular que o

Este é também um paradoxo semântico dado que não há condição suficientemente consistente para o valor de verdade desta proposição. Os autores, insatisfeitos com a simplificação de Danto, buscam mostrar as condições de verdade do perspectivismo e sua distinção enquanto tese, o que os levará a rebatizar o paradoxo como 'o real paradoxo do perspectivismo'. Para tanto, apresentam o conceito de 'absolutismo'.

Partindo-se da premissa de que o perspectivismo é a afirmação de que toda asserção é verdadeira em uma perspectiva e falsa em outra, haverá ao menos uma asserção que será ou verdadeira em todas as perspectivas ou falsa em todas as perspectivas. Isto implica em colocar a tese do perspectivismo sob as seguintes condições: ou ela é verdadeira absolutamente, ou perspectivamente. Supondo-se que o perspectivismo é verdadeiro em todas as perspectivas, logo haverá uma asserção que terá o mesmo valor de verdade em todas as perspectivas. Logo, o absolutismo é verdadeiro. Logo, se o perspectivismo é verdadeiro em todas as perspectivas, o absolutismo é verdadeiro, logo, se o perspectivismo é verdadeiro em todas as perspectivas, o perspectivismo é falso (autorrefutação do perspectivismo).

Temos de distinguir entre a tese do perspectivismo em si mesma, o que a tese propõe e o nível de explicação mesmo deste problema (nível, digamos, metalógico ou autorreferencial).

Considerando que o perspectivismo é verdadeiro quando se parte da aceitação de que há perspectivas em que o perspectivismo é falso, esta 'brecha', esta possibilidade de haver uma perspectiva não perspectivista possibilita a existência do absolutismo. Ou seja, quando o perspectivismo é verdadeiro, ele é falso. O não perspectivismo é igual ao absolutismo. Se se considera o não perspectivismo verdadeiro apenas perspectivamente, e não absolutamente, tem-se uma asserção, como perspicazmente sugerido pelos autores, bastante peculiar, dado que o não perspectivismo é o absolutismo. Tem-se então: o absolutismo é verdadeiro apenas perspectivamente, o que é uma proposição válida no interior do escopo perspectivista, mas contraditória e, portanto falsa, no interior do escopo absolutista e em si mesma. Outro modo de entendê-la é: o 'não perspectivismo' pode ser lido como 'há ao menos uma asserção que possui o mesmo valor de verdade em todas as perspectivas'. A partir desta equivalência, temos que, substituindo o 'não perspectivismo', a posição que afirma haver ao menos uma asserção que possui o mesmo valor de verdade em todas as perspectivas, será uma perspectiva. Ora, como acima colocamos, esta proposição é contraditória e não se sustenta.

Mas Nietzsche, segundo os autores, parece ter vislumbrado a hipótese de se conviver perspectivamente com o perspectivismo. Especialmente nos aforismas 22 e 43 de ABM, ele mantém a posição de

perspectivismo seja a epistemologia de Nietzsche. O paradoxo é: o perspectivismo, que necessariamente incorrerá em falsidade, é a teoria da verdade de Nietzsche.

que o perspectivismo só é perspectivamente verdadeiro²⁵. Sabemos, contudo, que esta tese é parcialmente verdadeira. O problema reside na sua inevitável autorreferência, e os autores discutem então algumas soluções.

Nehamas²⁶ parece ter proposto uma distinção de tipos entre o paradoxo do perspectivismo e o paradoxo do mentiroso e uma solução modal, ou seja, introduzindo operadores modais nas proposições em que Nietzsche tratou do perspectivismo. No entanto, Hales & Welshon pontuam que a tese do perspectivismo não é uma tese modal, e que a classe do paradoxo do mentiroso é a mesma que a classe do paradoxo do perspectivismo²⁷.

A partir deste ponto, suspendemos nossa apresentação do artigo de Hales & Welshon. Continuar estenderia em demasia nosso debate e o foco deste trabalho, apesar de ser no terceiro e último momento deste artigo que a solução do problema é dada, na medida em que eles conciliam o perspectivismo de Nietzsche e evitam o paradoxo dele possivelmente decorrente. Os autores apresentam uma distinção engenhosa, entre perspectivismo forte e fraco, e absolutismo forte e fraco, em direção a evitar os paradoxos e salvar a tese. Cabe notar que esta distinção, de acordo com afirmações dos autores e não de citações do texto primário, não é necessariamente *ad hoc*. Ela seria extraível da leitura dos diversos trechos onde Nietzsche mencionou e desenvolveu, em contextos distintos, a tese do perspectivismo (oriunda, portanto, por assim dizer, de uma metodologia internalista que, contudo, os autores não citam).

Gostaria de encerrar esta breve problematização retornando à pretensão inicial. Em sua tese de doutorado, Rogério Lopes (2008) parte da premissa de que Nietzsche adotou o devir enquanto posição ontológica²⁸. Esta tese relaciona-se à tese do ceticismo epistemológico. Em uma espécie de 'via de mão dupla', as condições cognitivas da espécie humana são limitadas, e também o real não se deixa apreender por conceitos estáticos e bem definidos (distintos). Mas o problema sobre qual posição advém de qual, ou seja, se a epistemologia é uma decorrência da ontologia, ou o contrário, é complexo²⁹. A tese de Lopes caminha na

²⁵ Op. cit, p.110.

²⁶ A solução de Clark é mais sofisticada, pois introduz as teorias de Tarski e Davidson sobre a verdade. Estes recursos *ad hoc* serviriam para imunizar a teoria de Clark sobre o perspectivismo de Nietzsche do problema do paradoxo. Hales & Welshon vão mostrar que estas não são as únicas teorias sobre a verdade plausíveis, e que elas não implicam o perspectivismo, portanto, não são nem deveriam ser aceitas por Nietzsche.

²⁷ Op. cit, p.111.

²⁸ "As posições filosóficas essenciais de Nietzsche se definem a partir de sua opção pelo devir (...). Esta opção é fruto de uma conjunção de fatores, mas em termos epistêmicos ela implica em afirmar que o real é inapreensível não apenas porque somos cognitivamente limitados, mas porque a realidade mesma não é constituída por um conjunto de substâncias ontologicamente discerníveis. (...)" (Lopes, 2008, p.224)

²⁹ Welshon (2009) nos fornece o argumento que embasa o problema da intrincada relação entre epistemologia e ontologia em Nietzsche: "*Nietzsche sometimes says that things are fictions invented by humans (WP 516). The statement 'things are fictions' can be glossed as saying that the interpretation of singular terms in a language rich enough to contain existential quantification are not extraperspectival but perspectival entities.*

direção de mostrar que, contraditoriamente, a despeito da anterioridade ontológica que impõe a premissa do devir, o fato da adoção da tese do fluxo perene (devir) pode também ser lido como uma consequência da aceitação da tese epistemológica do ceticismo fenomenista³⁰. A contradição se desfaz quando se compreende o significado da frase de Lopes, *do ponto de vista de seu percurso intelectual*. O que parece estar em questão aqui é um problema de método. Se se estuda a obra cronologicamente, encontra-se a tese ontológica do devir antecipando a tese epistemológica (seja do ceticismo fenomenista, seja do perspectivismo, no caso do nosso argumento aqui valer apenas para a questão da anterioridade de uma posição ou outra no interior do *corpus* nietzschiano). Mas uma pesquisa genética pode alterar este percurso padrão. Pelo levantamento das obras que tiveram influência na composição das obras de Nietzsche e, não só isso, mas com o cotejamento de seus depoimentos sobre suas leituras, junto ao estudo de sua biografia, ou seja, montando um quebra cabeça complexo, onde possivelmente faltarão peças; pode-se chegar à conclusão de que houve compromisso epistêmico anterior à aceitação da tese do devir. No entanto, este não é o foco de discussão aqui.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Articulating the nature of these perspectival entities is a question that ontology, not epistemology, tries to answer. (...)" (p.26). Na sequência, o autor nega a implicação ontológica de sua investigação, propondo que o 'antirrealismo' é o correlato epistemológico do perspectivismo de Nietzsche. Ora, mas no que o 'antirrealismo' implica? Justamente naquilo que propomos buscar, ao derivar, em direção oposta, o que resta da demolição da metafísica feita pela negação da existência de objetos estáveis independentes da mente humana. Mesmo que o artigo nos ofereça uma resposta, a saber, que a metafísica (no caso, kantiana) é criticada por Nietzsche ao mostrar como ela é moralmente embasada, ou seja, por forças e vontades que se anulam entre si, ainda resta o problema (ontológico) de definir, como contrapartida, estas forças enquanto espaços ou corpos nos quais elas habitam. Ora, mais uma vez identificamos uma contradição entre os comentadores deste problema, em termos que tencionam e/ou oriunda (d)o problema mesmo que eles querem resolver. Welshon considera de modo positivo (no sentido de conferir existência e até traçar qualidades dos entes que jazem para além das perspectivas), por assim dizer, a via ontológica do 'antirrealismo' (v. p. 27). Se este parece ser somente um elemento do conjunto dos problemas contidos na tese perspectivista, a saber, de que, se só há perspectivas e não há padrões para além da perspectiva, então como podemos crer na existência exterior de outras perspectivas; não nos parece que a solução *panpsiquista* de Welshon seja o caso. Pois, dado o problema, decorrente do perspectivismo elementar, de como conhecer ou afirmar a existência de outras perspectivas, ainda mais problemático, caso não tenhamos resolvido este, será o de aferir a existência e o modo de existência perspectivística de outros entes orgânicos e até mesmo inorgânicos. A conclusão parcial não é nada satisfatória: "(...) *By his own lights, no one can get enough epistemological distance from the human perspective to say what the world is like outside that human perspective.*" (p.28).

³⁰ "Minha tese é que a incontestável anterioridade lógica do devir nas reflexões epistemológicas de Nietzsche não deve nos cegar para o fato de que, do ponto de vista de seu percurso intelectual, a opção pelo devir deve ser vista como um resultado de sua conversão prévia ao ceticismo epistemológico de cunho fenomenista." (op. cit, p.225). E, então, é preciso buscar um entrelaçamento entre perspectivismo e fenomenismo.

AJDUKIEWICZ, Kazimierz. *Problemas e teorias da Filosofia: Teoria do Conhecimento e Metafísica*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

ARISTÓTELES. *Metaphysics*, vol. I. Chicago: William Benton, 1952.

ARMSTRONG, Robert L. *Metaphysics and Empiricism*. Lincoln: University Of Nebraska Press, 1970

CLARK, Maudemarie; DUDRICK, David. *The Soul of Nietzsche's Beyond Good and Evil*. New York: Cambridge University Press, 2012.

D'AGOSTINI, Franca. *Lógica do niilismo – dialética, diferença, recursividade*, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

HALES, Steven D.; WELSHON, Robert C. Truth, Paradox and Nietzschean Perspectivism, *History of Philosophy Quarterly*, Volume 11, number 1, January 1994.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

_____. *Crítica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOPES, Rogerio A. *Ceticismo e Vida Contemplativa em Nietzsche*. Belo Horizonte: Fafich-UFMG, 2008.

MOTA, Thiago. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo, *Cadernos Nietzsche*, 27, 2010.

Nietzsche, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

_____. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

REGINSTER, Bernard. The Paradox of Perspectivism. *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. LXII, No. 1, January 2001.

WELSHON, Rex. Skepticism, Antirealism, and Perspectivism in Nietzsche's Epistemology, *Journal of Nietzsche Studies*, 37, 2009.